

# REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	1000	Semest. 18 n.**	-	N.* a entrega	1
Portugal (franco de porte, moeda forte) Possesaões ultramarinas (idem) Extrangeiro (união geral dos correios).	48000	18900 28000 28500	8950 -8- -8-	5120 −8− −8−	

11.º ANNO-VOLUME XI-N.º 339

21 DE MAIO 1888

## REDACÇÃO — ATELIER DE GRAYURA — ADMINISTRAÇÃO

LIBBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JEBUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos.





## CHRONICA OCCIDENTAL

O acontecimento capital d'estes dez dias decorridos, foi, apesar das festas do rei da Suecia, da recita de gala em S. Carlos e do fogo no Tejo—o explendido baile dado no sabbado 12, pelos condes de Burnay, no seu magnifico palacio da Junqueira.

O Occidente consagra a essa extraordinaria festa um artigo especial, e por isso registando-a apenas aqui como um d'esses acontecimentos mundanos que marcam epocha nas chronicas ele-

mundanos que marcam epocha nas chronicas elegantes de qualquer grande cidade, e que entre
nós, não tem, de nosso tempo pendant, revistemos rapidamente os festejos officiaes com que
Lisboa celebrou a primeira visita á nossa terra
do actual soberano da Suecia, o rei Oscar n.
Essas festas não foram muito brilhantes, apesar
de com ellas se gastar bom dinheiro, e não foram muito brilhantes, primeiro, porque não houve
lá um grande bom gosto em quem as dirigiu;
segundo, porque a doença affastou el-rei D. Luiz
de assistir a ellas, e a ausencia do illustre monarcha tão querido de todos os portuguezes, que
e sempre motivo para que qualquer festa seja e sempre motivo para que qualquer festa seja menos brilhante, muito mais o e desde o mo-mento em que o origina uma longa enfermidade, que felizmente, segundo affirmam as pessoas que mais de perto lidam com o augusto personagem, não tem gravidade, mas que todavia traz preoc-

não tem gravidade, mas que todavia traz preoc-cupado e triste o povo, que estremece muito e justamente, o seu hom e querido rei. Ao principio fallava-se em parada, em grandes illuminações, em muita coisa; no fim de contas os festejos publicos limitaram-se simplesmente a

os festejos publicos limitaram-se simplesmente a uma recita de gala no theatro de S. Carlos e ao fogo de vistas no Tejo.

Já vĉem que o programma das festas que principidra logo por não ser muito brilhante, na sua pratica muito menos brilhante ainda foi.

Quando visitaram Lisboa o principe de Galles, e os reis de Hespanha, as festas trouxeram à cidade grande numero de pessoas da provincia; d'esta vez ninguem se incommodou a cá vir, nem mesmo dos logares mais proximos, e a festa

cia; d'esta vez ninguem se incommodou a cá vir, nem mesmo dos logares mais proximos, e a festa passou-se em familia, como uma sorre intima.

O Oc. destre publicou já no seu ultimo numero um excellente retrato do soberano sueco, retrato muito parecido como o poude verificar toda a gente que no domingo 13 encheu o Terreiro do Paço, rua do Arsenal e Atterro, para vêr a passagem do rei Oscar.

As ruas do transito, desde a Praça do Commercio, sitio do desembarque do monarcha, até ao Paço da Ajuda onde sua magestade se alojou

ao Paço da Ajuda onde sua magestade se alojou nos aposentos que foram occupados ultimamente por sua alteza a infanta D. Antonia, estavam todas embandeiradas.

Ao longo das ruas tinham sido collocados grandes, mastros brancos com as bandareas presentes de la companya de la mastros brancos com as bandareas presentes de la companya del companya de la companya del companya de la com

des mastros brancos com as bandeiras suecas e portuguezas; e limitou-se a essa ornamentação de arraial toda a ornamentação feita nas ruas de Lisboa.

soberano sueco desembarcou no Terreiro

do Paço ás duas horas da tarde de domingo.

Era ali esperado por sua alteza real o principe
D. Carlos, pelo sr. infinte D. Affonso, ministerio,
corpo diplomatico, côrte, fazendo as honras militares da recepção todos os corpos de guarnição

Trocados os primeiros cumprimentos, sua ma-gestade o rei Oscar seguiu para a Ajuda n'um coche rico da casa rgal, acompanhado pelos principes portuguezes, precedido da sua comitiva com todo o cerimonial do estylo.

O prestito era aberto por um piquete de lan-ceiros e seguido por todo o esquadrão de lan-ceiros e de cavallaria.

Pelas ruas do trapsito estava muito centre se

ceiros e de cavallaria.

Pelas ruas do transito estava muita gente para
vêr o nosso real hospede.

No paço o rei Oscar era esperado á entrada
por sua magestade a rainha, por sua alteza real
a sr.º princeza D. Amelia e por el-rei D. Luiz.
Os dois soberanos estivaram por longo tempo

Os dois soberanos estiveram por longo tempo abraçados affectuosamente.

Na segunda feira houve o banquete official no paço da Ajuda, banquete para que se fizeram muitos convites e que correu animadamente.

A sobremeza el-rei D. Luiz fez um elegante e eloquente brinde em francez ao seu real hospede, brinde a que o rei Oscar correspondeu, fazendo o elogio das altos qualidades de espírito e de coração que distinguem o rei de Portugal e de coração que distinguem o rei de Portugal entre todos os soberanos da Europa.

Na terça feira á noite foi a recita de gala no theatro de S. Carlos, Fallava-se n'esta recita ha que tempos e até se tinha dito que a empreza de S. Carlos conservaria o theatro aberto e prolongaria os seus espectaculos lyricos até á chegada do rei Oscar, para haver elementos com que se prolesse dar para haver elementos com que se pudesse dar

uma recita brilhante.

Não sabemos se officialmente se chegou a tranao sanemos se officialmente se chegou a tratar d'isso, mas cremos que não, e em todo o
caso, visto a visita do rei da Suecia que era ao
principio esperada em meiados de abril se ter
demorado ate meiados de maio, a prolongação
da epocha lyrica ate tão tarde, seria se não impossivel, pelo menos excessivamente dispendiosa.
Agora porem o governo luctou com embaraçospara organisar espectaçulo para a recita de gala-

para organisar espectaculo para a recita de gala

em S. Carlos.

Nós não comprehendemos muito bem o mo-Nós não comprehendemos muito bem o mo-tivo porque, havendo em Lisboa theatro portu-guez, a recita de gala offerecida a um soberano estrangeiro ha de ser dada com opera estran-geira, e pelo contrario, parecia-nos naturalissimo e até muito mais amavel e logico que essa re-cita fosse dada em theatro nacional, com espe-ctaculo nacional tambem.

Ha um unico motivo justo a oppôr a isto, é o de ser uma verdadeira massada obrigar um estrangeiro a assistir à representação d'uma peça declamada n'uma lingua de que não percebe

declamada n'uma lingua de que não percebe

Com o rei da Suecia porém este motivo cae

completamente pela base.
Oscar a è um soberano intelligentissimo, muito

Oscar a è um soberano intelligentissimo, muito illustrado, e litterato distincto; sabe evidentemente de cor e salteado as grandes obras de Shakespeare, e poderia perfeitamente apreciar a maneira como os nossos artistas interpretam as obras primas do maior genio theatral do mundo. No repertorio do theatro de D. Maria figuram o Hamlet e o Othello cuja interpretação fizem a maior honra aos nossos artistas dramaticos, e parece-me que teria muito mais significação e seria mesmo muito mais significação e seria mesmo muito mais agradavel para o real viajante ter-lhe dado uma recita de gala no theatro portuguez com o Othello.

portuguez com o Othello.

D'esse modo, nós mostrariamos a um soberano estrangeiro, que temos artistas que sabem inter-pretar o grande repertorio Shakespereano, e o rei da Suecia, que é um rei litterato, ficaria sabendo como os personagens de Othello e de Yago são comprehendidos e interpretados por artistas portu-

E se o motivo especial da recita de gala ser em S. Carlos é a sala d'espectaculos, o querer mostrar a um hospede o nosso maior theatro, era facil de conciliar as duas coisas fazendo representar em S. Carlos a companhia dramatica do theatro de D. Maria.

Mas nada d'isto se fez e organisou-se à ultima bora um concerto vocal e instrumental nos are-

hora um concerto vocal e instrumental por artistas e amadores, um concerto muito bom para uma festa particular, mas que para as exigencias de uma festa de gala deixou immenso a desejar.

E mesmo assim custou bastante a organisar

esse concerto.

esse concerto.

Quasi nos ultimos dias, quando o rei estava para chegar, fallou-se em organisar uma recita com o Rigoletto, cantado pelos irmãos Andrades e pela sr.º Pacini. A parte de contralto, dizia-se ser desempenhada pela sr.º Judice, uma distincta alumna do Gonservatorio, que no sarau da Imprensa tanto se fez applaudir pela sua maravilhosa voz. Mas nada d'isto passou de boato inventado fóra das regiões officiaes. Lá dentro nunca se pensou n'isso, cremos, ou pelos menos se se pensou, o que e certo é que ninguem fallou em tal a nenhum dos distinctos artistas cujos nomes se citavam. nomes se citavam.

Póde ser que se guardassem para a ultima hora, mas entretanto Francisco de Andrade, o nosso grande barytono, foi escripturado para Londres, ahi chamado por telegramma, e exactamente na noite de gala em S. Garlos devia elle ter de-butado no Covent Garden.

butado no Covent Garden.

E ahi ficou perfeitamente desmanchado o plano do Rigoletto, se tal plano chegou a haver.

Por fim a recita organisou-se com um concerto da Associação Musica 24 de Junho, concerto com que inaugurou uma serie de concertos que vae dar em S. Carlos, e em que tomaram obsequiosamente parte a prima dona Regina Pacini e os distinctos amadores a sr.\* Judice e o sr. D. José d'Almeida. D. José d'Almeida.

O fogo no Tejo que costuma ser sempre o clou dos festejos officiaes feitos em Lisboa, foi d'esta vez um fiasco, mercê da idéa extravagantissima de queimar o fogo em terra, no sitio

mais estreito do Aterro, em vez de o queimar

mais estreito do Aterro, em vez de o queimar no rio como das outras vezes.

Desde o primeiro dia em que se fallou em fogo, constou que o local escolhado era aquelle.

Toda a imprensa, sem fazer d'isso política, tanto jornaes do governo como jornaes da opposição, censuraram immediatamente a escolha do local com um grande bom senso, porque no fim de tudo a coisa metita-se pelos olhos dentro e era tão disparatada, que não chegamos a conceber como tal idea poude germinar dentro d'um cerebro. Pois germinou e foi por diante apesar de to-

das as censuras e reclamações.

Segundo consta o paiz gastou 20 contos comesse fogo, e entretanto graças á escolha do local esse fogo foi disposto de tal maneira, que
nem das janellas e do jardim do Museu d'onde
o gosava o rei da Succia, em homenagem a
quem era queimado, esse fogo poude ser completamente visto. pletamente visto.

As peçus fixas estavam collocadas em linha pela margem do Aterro, desde a estação dos americanos em Santos ate defronte da Rocha do conde d'Obidos, e de parte nenhuma se podia vêr de frente todo o fogo, pois quem ficava em frente d'uma das peças, via bem uma peça e as duas que estavam proximas, e as outras via as de escorço, perdendo todo o seu effeito.

Emquanto ao fogo do ar, esse fogo que se costuma vêr de todas as partes, ate d'esta vez foi deitado d'um sitio que den em resultado muito d'elle não ser visto exactamente das pessous, que estavam nos logares chamados melho-

sous, que estavam nos logares chamados melho-

res para ver o fogo.

O recinto como se sabe e estreitissimo, o mais estreito de todo o Atterro, e a maior parte dos foguetes iam estourar para o lado da terra, por cima dos telhados das casas que bordam o Atterro, de modo que quem estava n'essas casas e junto d'ellas não os podia vêr.

Os balões, esses então nenhum d'elles foi visto do publico que estava no recinto do fogo, pois todos elles quando comercina a sea fogo, pois todos elles quando comerciana e sea fogo, pois todos elles quando comerciana e sea fogo.

do publico que estava no recinto do fogo, pois todos elles, quando começavam a produzir o seu effeito pyrotechnico, era já muito fora do alcance da vista das pessoas, que estavam no Atterro.

As montanhas da outra margem do río não foram illuminadas como era costume; o rio tinha poucos barcos illuminados, e o grande panorama magico do Tejo quando foi o fogo do principe de Galles, do rei de Hespanha e do casamento do principe real, deixou-se estar muito socegado dentro das reminiscencias das pessoas que a essas festas tinham assistido, e não veiu cumprimentar sua magestade Oscar u, rei da Suecia. Em compensação, se em consequencia do lo-

Em compensação, se em consequencia do lo-cal escolhido o fogo não foi hem visto por nin-guem, foi hem sentido por todos, e penso que não ha meia duzia de pessoas das que estiveram no local do fogo, que não trouxessem de lá o seu fato cheio de recordações molvidaveis d'essa festa.

Como o recinto era muito estreito e muito res-tricto, quem quiz ver bem o fogo teve de se en-talar entre as peças fixas e as casas que fecham o Aterro do lado da terra, e ahí a multidão, perfeitamente encamada como as sardinhas de Nan-tes dentro das suas latinhas, esteve durante duas

horas sob a chuva implacavel de todas as fontes de ouro que ardiam em terra, e de todos os foquetes de lagrimas que estoiravam no ar. E por isso a cada momento, durante essas duas horas ouvia-se sahir do Aterro um enorme rumor, uma gritaria aterrada do povo a quem esse fogo não só ardia na bolsa, mas tambem

ardia na pelle. E foram estas as duas unicas festas officiaes publicas com que se celebrou a visita a Lisboa do soberano da Suecia.

As outras festas tambem não foram muitas: um jantar no paço, como já dissemos, e um almoço em Cintra.

O rei da Suecia, que chegou a Lisboa no día 13, saiu da nossa cidade no día 17, ás 10 horas da noite pelo caminho de ferro em direcção a Sevilha, d'onde seguirá para Barcellona a visitar a exposição.

Acompanharam Sua Magestade até à Fronteira portugueza o principe D. Carlos e o infante D.

Affonso.

Sua Magestade a Rainha e sua Alteza Real a Princeza D. Amelia foram derpedir-se do seu real hospede à estação de Santa Apolonia.

Segundo se diz, é esperada bravemente em Lisboa outra visita real: a de Sua Magestade a Rainha de Italia.

Oxalá que as festas sejam mais brilhantes, e que, se queimarem algum fogo, não o queimem no Aterro.

Gervasio Lobato.



### AS NOSSAS GRAVURAS

#### SUA MAGESTADE A RAINHA

O retrato da excelsa rainha dos portuguezes, que hoje damos, é o complemento indispensa-vel das gravuras com que o Occidente tem acompanhado a narrativa do tragico incendio do theatro Baquet do Porto;—é o pendant glorioso e consolador das scenas lascinantes que o buril do nosso gravador reproduziu: — o incendio do Baquet foi a fatalidade que enlutou o Porto, a Rainha foi a Providencia que sorriu á heroica cidade n'esse momento terrivel de lagrimas e de

desolação. Ha um velho anexim portuguez que diz que «o fogo experimenta o ouro, como a adversida-de experimenta o amigo fiel», e assim é.

de experimenta o amigo fiel», e assim é.

De cada vez que a adversidade fere o paiz, mais brilhante e mais eloquente resplende a amizade carinhosa da rainha pelo seu bom povo que a idolatra, mais gloriosa e triumphante irradia essa coróa santa de caridade c de philantropia que aureola a fronte radiante da augusta princeza italiana, que o rei D. Luiz escolheu entre todas para sua companheira querida, para mãe amorosa e dedicada do povo portuguez.

Não precisamos historiar aqui minuciosamente o facto maravilhoso que a publicação do retrato da Rainha sz.º D. Maria Pia hoje commemora nas nossas paginas.

nossas paginas.

Todo o paiz conhece bem esse facto, conhece o bem o estrangeiro, que o tem registado com o devido louvor nas chronicas dos seus jornaes.

Uma manha Lisboa apavorada leu em todos os periodicos a noticia dolorosa d'uma grande catastrophe, que horas antes enchera de lucto, de dor e de angustia a segunda cidade do reino.

Um incendio horroroso devorara em meia ho-ra o theatro Baquet do Porto, sepultando sob as suas ruinas fumegantes centenas de victimas.

Por toda a parte reinava na cidade invicta, as lagrimas, a miseria e a desolação: a narrativa simples e laconica do cortejo de desgraças que esse incendio gerára, parecia uma pagina arran-cada aos mais negros cantos do inferno dan-

Apenas a noticia circulou em Lisboa, a Rainha, Apenas a noticia circulou em Lisboa, a Rainha, abandonando o seu palacio e a córte, póe-se a caminho, sosinha com seu tilho, vestida de luto como de luto estava a cidade infeliz e por uma noite medonha de temporal sul, uma d'essas noites tremendas em que o vento rugia pelas charnecas, como coros de bruxas na legendaria noite sinistra de Walpurgis, vae ao Porto, juntar as suas lagrimas ás lagrimas que ali corriam, mergulhar o seu coração amantissimo de mãe e de mulher n'aquelle grande oceano revolto de mamulher n'aquelle grande oceano revolto de ma-guas e de dor, vae levar nos pobres a esmola do seu ouro, nos mortos a esmola da sua prece,

do seu ouro, aos mortos a esmola da sua prece, aos tristes a esmola do seu sorriso, aos que padecem a esmola da sua consolação.

E como o sagrado Viatico não escolhe ricos nem pobres, e tanto vae ao palacio sumptuoso como á choça humilde, como ao antro vil e á enxovia immunda, assim Maria Pia, esquecendo-se de que era rainha para só se lembrar que era mulher, foi correr as viellas mais sordidas do Porto, esses beccos escuros onde o sol nunca entrou, levar, como o Deus supremo, áquelles que agonisavam, que se estorciam nas vascas da agonisavam, que se estorciam nas vascas da morte, nas vascas da fome, nas vascas da dor, palavras de esperança, palavras de conforto, pa-

lavras de resignação.

E por todo o paiz se ergueu um grito unisono e triumphal de «Viva a Rainhal», um viva que não foi gravemente levantado, segundo a pragmatica, pelo presidente engravatado de qualquer camara municipal, um grito que foi levan-tado expontaneamente pela alma popular vibrante de enthusiasmo, de reconhecimento, de gratidão ante a acção grande e santa da santa e grande Rainha, da grande e santa mulher!

Rainha, da grande e santa mulher!

E hoje como hontem, hoje que o theatro Baquet ardeu, como hontem quando as innundações semearam a morte e a miseria pelas regiões alagadas, ao grito de desolação responde um grito de enthusiasmo, á exclamação de dor responde uma exclamação de reconhecimento, e ao miserere lugubre que o paiz em lagrimas psalmodea, succede logo como um grito triumphal, o grito enthusiastico de «Viva a Rainha».

E é por isto que o retrato dacaridosa rainha

dos portuguezes não podia deixar de illustrar a chronica da sinistra tragedia do Porto.

#### A ILHA DO CABO DE SECÇÃO

Foi uma das ilhas visitadas por Sua Magestade a Rainha, quando a augusta princeza andou soc-correndo no Porto as pessoas mais prejudicadas

correndo no Porto as pessoas mais prejudicadas pelo incendio do Baquet.

A ilha do Cabo de Secção, situada na rua do Bomjardim, é curiosa principalmente pela disposição das casas que a compõem, situadas ao longo de uma ingreme escadaria de pedra, a cêu aberto.

Constitue um dos typos interessantes d'esse genero de habitações disseminadas pelo Porto e que dão asylo á sua população proletaria.

A gravura que publicamos é reproduzida de uma prova photographica da conceituada Photographia União, encarregada pela sr.º D. Magia Pia de tirar as vistas de algumas das Ilhas que visitou. visitou.

#### CASA DA ILHA DOS TANQUES NA CORTICEIRA

A nossa gravura, reproducção de uma excellente photographia do distincto amador portuense o sr. Josquim Damazio Basto, representa a casa da liha dos Tanques, na Corticeira, habitada pela viuva do varredor Manoel Baptista, um dos desventurados que pereceu no incendio do theatro Baquet.

Foi no penetrar os hombraes d'esse lobrego te-gurio, onde a sr\* D. Maria Pia ia levar o con-forto da sua esmola caritativa e a consolação da sua palavra affectuosa, que a augusta princeza proferiu as celebres palavras:

— Pois aqui vive-se?!

Vive se ali e vive-se ainda em condições mais

As casas da ilha dos Tanques possuem ao me-nos um horisonte vasto e as correntes beneficas do ar puio, porque defrontam com os alcantis da Serra do Pillar e com a paizagem dilatada que emoldura as suas margens do rio Douro.

Mas ha recantos de casas, vãos de escadas, onde o ar e a luz difficilmente penetram, verdadeiras tocas humanas, em que vegetam sob uma atmosphera asphixiante, tendo por leito colchões apodrecidos pela humidade, familias inteiras!

A escada de madeira que dá accesso para a casa da ilha dos Tanques tem por fim evitar que o inundem as enxurradas do inverno e as ver-

tentes canalisadas das fabricas do Campo 24 de Agosto, que se vão precipitar no rio.

Tudo corre por alli a descoberto formando por vezes verdadeiros caudaes.

Na nossa gravura destaca-se sobre a referida

escada, a pobre habitante da casinhola, a viuva do varredor, tão generosamente soccorrida por Sua Magestade a Rainha.

#### AFRICA PORTUGUEZA ARCOS NATURAES NAS MARGENS DO RIO COROQUE

Entre as curiosidades naturaes que se encontram na Africa Occidental, contam-se os arcos naturaes que a nossa gravura representa.

Estes arcos são talhados na extremidade d'um rochedo, que é ao mesmo tempo o limite d'uma extensa collina d'alguns milhares de metros, a qual faz parte das margens da lagoa Prande e rio Coroque.

O arco maior tem cerca de 12 metros de altura e o outro uns 8 metros.

## CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES

-----

#### A LINHA DE CINTURA DE LISBOA

Se ninguem é propheta na sua terra, muito poucos ha que sejam viajantes no seu paiz, e muito menos, que percorram e apreciem as digressões proximas das localidades em que vivem.

E por isso que, indo d'aqui para qualquer ponto do estrangeiro, visitamos todos os jardins, todos os palacios, todas as egrejas e muzeus, porcorremos todos os arredores, admiramos todos os panoramas; emquanto que, em a nossa

terra, deixamos ás moscas o jardim zoologico-não vamos senão por incidente ao da escola Polytechnica, de palacios conhecemos apenas o de Cintra e o de Queluz, e nunca tomámos um trem para, sahindo as portas da Cruz da Pedra, entrarmos pelas de Alcantara, percorrendo assim toda a peripherie da cidade de Lisboa Pois tem muito que ver, e agora que esse passelo se vae fazer commodamente, n'un car-ruarem de caminho de ferro, quantos haverá

passeio se vae tazer commodamente, n'uma carruagem de caminho de ferro, quantos haverá,
no seu egoismo exclusivista, que se lastimem de
não terem ha mais tempo feito tão agradavel
passeio, só elles, quando mais ninguem o fazia.

Vamos, portanto, descrever-lhes o que em
breve verão:

A nova linha agradação a Val-

A nova linha principia em Xabregas, em frente do convento da Madre de Deus, e logo ali nos apresenta as suas principaes obras de arte que

apresenta as suas principaes obras de arte que hoje damos em gravura.

A primeira é o viaducto pelo qual se passa superiormente á fabrica de fiação d'algodão.

Esta obra tem a extensão de 83 metros, sendo o seu taboleiro metallico assente sobre dois encontros e quatro pilares de alvenaria, formando 5 tramos independentes.

Uma parte do viaducto teve de ser coberta por um anteparo metallico, destinado a defender as editicações da fabrica, das faulhas expellidas pelas chamines das machinas, e que poderiam pór

pelas chamines das machinas, e que poderiam pôr em perigo aquelle importante estabelecimento fabril que dá trabalho a um grande numero de operarios.

Tanto esta como todas as outras obras metal-

licas da linha de cintura foram executadas pela importante casa constructora belga Société Internationale de Braine-le-Comte, que se torna digna dos maiores elogios pela perfeição e solidez de todos os seus trabalhos.

de todos os seus trabalhos.

Felicitamos por\*isso o intelligente director da construcção Mr. Vintenon e o distincto engenheiro da casa em Lisboa Mr. Eugene Rolin.

Sahindo do viaducto entra-se logo no tunnel, como hem se vé da nossa gravura.

O tunnel tem 200 metros de comprimento, sendo metade em curva e metade em recta.

Foi construido pelo engenheiro Mr. Boussard.

Seguimos então o pittoresco e fertil valle de Chellas, cuja estrada atravessamos n'um viaducto metallico de 18 metros, em obliqua.

metallico de 18 metros, em obliqua. Passados mais dois pontões de pouco mais de 2 metros atravessa-se de nivel a estrada no sitio da Fonte do Louro, bem conhecido pela concor-rencia de populares que ali afflue ao domingo... e á semana mesmo.

Depois atravessam-se ainda as estradas da Charneca e Lumiar, em passagem de nivel, fechadas, como a de Sacavem, pelas cancellas de ferro do novo systema, que offerece grandes vantagens de segurança, em pontos tão concorridos como estes ridos como estes.

ridos como estes.

A linha entra n'um patamar de 336,70 metros que é o ponto mais alto da via.

Até aqui subimos sempre; agora vamos descer até entrarmos na linha de Alcantara a Bemfica, Cruza-se n'este ponto a projectada avenida do Campo Grande que será um grande embellezamento para a cidade.

An orda vás em construcció o para mando.

Ao norte vê-se em construção o novo mercado

Ao norte ve-se em construção o novo mercado de gado, e pouco depois o local onde será a estação militar do Campo Pequeno.

Esta estação será de grande importancia não pela quantidade de edificações, mas pelo desenvolvimento das vias e dependencias, para o serviço de embarque e desembarque de tropas, deposito de material de guerra e parque de enganharia. genharia.
Além d'isso, servirá este frequentadissimo ponto das cercanias de Lisboa.

das cercanias de Lisboa.

Depois atravessa-se o caminho para Paima e o para a Luz, a estrada de Cintra, em um viaducto metallico de 22,50 metros de um só tramo, e de um typo especial, a estrada de Campolide em outro viaducto de metade da extensão d'aquelle, e finalmente a ribeira d'Alcantara, n'um ultimo viaducto de 16 metros, e eis-nos entrando na linha de Lisboa a Cintra, no sitio de S. Domingos de Bemfica. mingos de Bemfica.

A esquerda vêmos o aterro já bastante adian-tado que pertence á linha urbana, em construc-ção, e que virá ligar n'esta, perto do viaducto,

cao, e que vira ligar n'esta, perto do viaducio, sobre a estrada de Campolide.

O publico espera com interesse a abertura d'esta linha que lhe promette, logo que a estação do Campo Pequeno seja aberta, um bom serviço rapido e commodo para todos os suburbios da cidade, hoje tão difficientemente ligada a esses pontos.

a esses pontos.

No valle de Chellas, no Arieiro, no Campo Pequeno e em Palhava ha quintas e propriedades magnificas que a linha atravessa, e que poderão

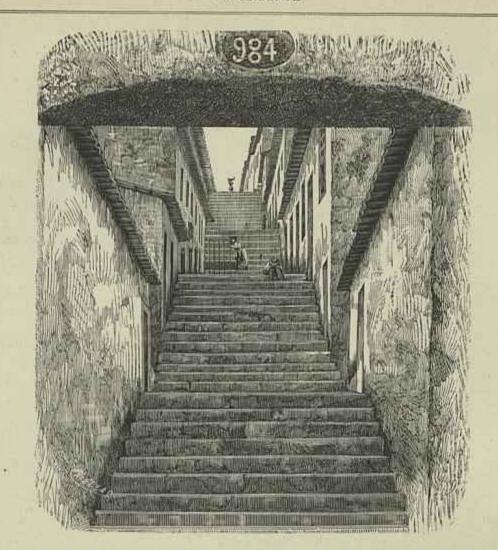
ser servidas pela es-trada que a camara tem em estudo, por modo facil e rapido. Além d'isso a pe-quena linha vem servir

para a importante liga-ção de comboios entre à antiga rede de leste a antiga rede de teste e norte e a nova rede de Cintra, Torres e Figueira, o que já permitte que, desde a abertura á exploração, que se effectuou no dia 20, haja comboios directos da velha estação de da velha estação de Santa Apolonia para Cintra e vice-versa, assim como para Torres e breve para a Figueira, o que não só é importante para os passageiros como para as mercadorias que d'esta mercadorias que d'esta importante zona se destinam a embarque para o estrangeiro e que só difficilmente o conse-guiam fazer sem ir á estação do Caes dos Soldados, emquanto a estação maritima do porto de Lisboa não estiver construida estiver construida.

L. de Mendonça e Costa.

#### O BAILE DOS SNRS. CONDES DE BURNAY

O Balzac ou o Zola que tomasse a seu car-go fazer, no romance,



PORTO — ILHA DO CABO DE SECÇÃO, VISITADA POR SUA MAGESTADE A RADITA (Segundo uma photographia da União)

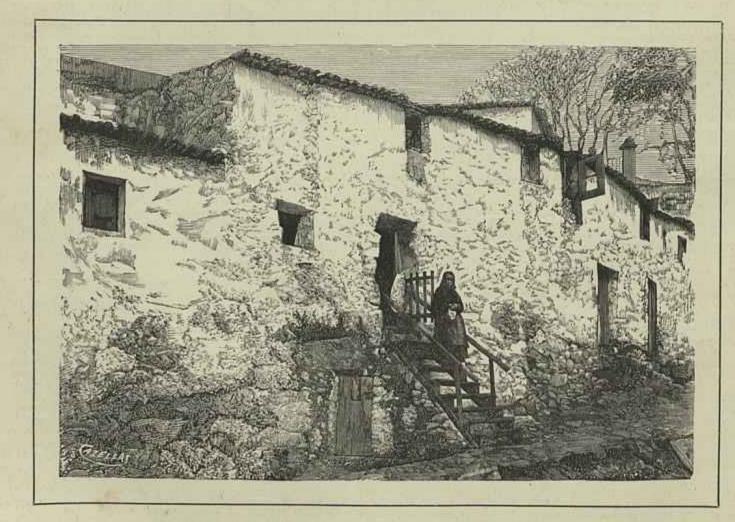
o estudo realista da so-ciedade lisboeta con-temporanea e transportar para o livro os pertar para o livro os per-sonagens mais salientes da Lisboa actual, ver-se-hia seriamente em-baraçado com a indivi-dualidade estranha e original d'esse famoso banqueiro Belga, que tão conhecido, tão fal-lado e tão discutido é em todo o paiz, e que se chama o conde de Burnay.

Burnay.
Por mais que fizesse,
por mais naturalista que por mais naturalista que losse, por mais que se cingisse aos processos da sua escola, ou antes quanto mais a elles se cingisse, quanto mais realista fosse, mais o seu livro teria o sabor romantico, o colorido phantastico e imaginoso dos romances mais ce-

phantastico e imaginoso dos romances mais celebres do velho Dumas pae, da Souliè, e de Feval.

E com quanto mais fidelidade o typo do conde de Burnay fosse transportado para o livro, mais inverosimil e phantastico esse livro pareceria, pela simples razão, que os naturalistas parecem desconhecer, mas que e profundamente verdadeira, de que não ha no de que nilo ha no mundo nada mais in-verosimil do que a ver-dade. Nos romances de Du-

mas, de Feval e de Sou-



PORTO -- ILHA DOS TANQUES, VISITADA POR SUA MAGESTADE A RAINHA (Segundo uma photographia do photographo amador sr. Joaquim Basto)

liè apparecem-nos sempre uns personagens mys-teriosos, que não se sabe muito bem se são co-piados da vida ou tirados das lendas, se descen-dem de homens, ou se são filhos de deuses, se vem do mundo real ou descem de mundos ima-ginarios, e que dão a esses livros as suas pagi-nas mais encantudoras e fascinantes cem os seus feitos extraordinarios, maravilhesos sobrepatos feitos extraordinarios, maravilhesos, sobrenatu-raes, que nos assembram como, nas lendas chris-tas, os milagres dos santos, nos contos de fadas tas, os milagres dos santos, nos contos de fadas as feiticeirias dos genios como nas obras magi-co-scientificas de Julio Verne as façanhas prodigiosas e sobrehumanas dos seus herces phantasticos.

Pois o retrato mais escrupulosamente photographico, que nas chronicas mais realistas se fi-zesse do conde de Burnay, pareceria sempre re-cortado pelo padrão brilhente d'essas estrenhas e mysteriosas figuras dos velhos remances imagi-

O Burnay é effectivamente o Topa-a-tudo, em tudo se mette, mas n'aquillo em que se mette sae triumphante, faz sentir a sua griffe poderosa, a sua vara de feiticeiro, e ou se trate d'uma coisa seria ou d'uma coisa futil, de fazer um emprestimo ou de fazer uma mascarada, de comhater um adversario ou de queimar um fogo de artificio, elle põe-se logo em evidencia, da nas vistas, sae do vulgar, faz bulha, é fallado, discu-tido, tem aggressões violentas e tem apotheoses enthusiasticas.

enthusiasticas.

E o publico já sabe tanto isto que, em se tratando de festa em que intervenha o Burnay, sabe loco que vae assistir a qualquer coisa de maravilhoro, de excepcional, de phantastico.

O Burnay metteu-se nas festas do centenario

do nosso grande epico e as festas mais notaveis figurou a festa do Bairro Camões! o Burnay metteu-se nas illuminações do casamento do principe real, e as illuminações do palacio da Jun-

E todos os convidados que iam já dispostos para assistir a um espectaculo unico, que leva-vam o seu espírito preparado para todos os des-lumbramentos, apeavam-se das suas carruagens, entravam no palecio do conde de Burnay e fica-vam cemo que assembrados.

O deslumbramento excedia todas as previsões: a realidade estava muito além das mais opulen-

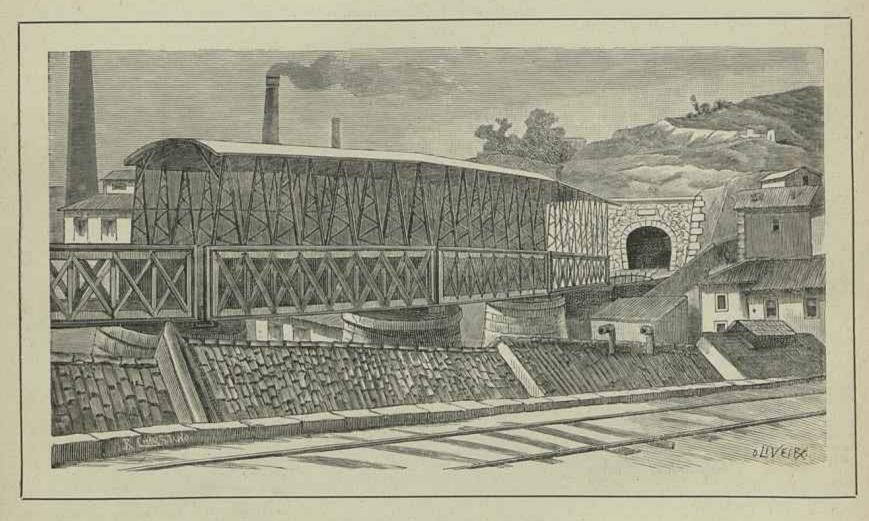
tas phantasias.

Não esperem, meus caros leitores, que eu tente sequer, esboçar uma descripção das maravilhas extraordinarias do Baile Burnay.

Os orientaes tem um veneno mysterioso e subtil o Haschich que lhes dá, nos seus sonhos radiantes, a visão voluptuosa do paraiso.

Nunca nenhum d'elles conseguiu, por mais fertil que fosse a sua phantasia, mais imaginosa e

## CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES



A LINHA DE CINTURA DE LISBOA, AFERTA Á CIRCULAÇÃO NO DIA 20 DO CORRENTE-VIADUCTO E TUNNEL DE XABREGAS (desenho do natural por J. R. Christino)

Principia porque elle é um personagem perfeitamente inverosimil, no nosso tempo, no nosso meio e na nossa sociedade.

Quem o encontra pela primeira vez sem o conhecer e vé aquelle homem que parece um distrahido, um indifferente a tudo que lhe dizem e a tudo que em torno de si se passa, como o seu modo indolente e alheiado, o seu ar quasi adormecido, de quem está sempre a escabecear com son no, fica perfeitamente estupefacto, assombrado, quando lhe dizem que aquelle homem é que é o Burnay, esse Burnay tão celebre pela sua prodigiosa actividade, pela maneira perfeitamente phantastica como elle se multiplica por uma infinidade de negocios e occupações differentes, esse Burnay maravilhoso que em 24 horas fez um bairro novo e transformou um pardieiro em ruinas, n'um jardim de fadas, esse Burnay tão fallado pela multiplicidade das suas aptidões, o famoso Topa-a-tudo emfim.

Porque a alcunha que Raphael Bordallo lhe poz no seu Antonio Maria ficou, e ficou porque é verdadeira, ficou porque synthetisa a vida gloriosa d'esse prodigioso trabalhador,

queira offuscarem as mais brilhantes, o Burnay metteu-se na batalha das flores, e todos os carros mais famosos desappareceram diante do seu triumphal galeão carregado de flores; o Burnay tomou a seu cargo ornamentar a egreja dos Martyres quando n'um Te-Deum solemne Lisboa prestou a eloquente homenagem da sua admiração a uma das mais radiantes glorias de Portugal— a Pinheiro Chagas, e nunca entre nós se viu nada parecido com essa maravilhosa ornamentação...

namentação...

E sempre assim, a lista seria impossível de fazer-se completa.

Agora o conde de Burnay deu o seu primeiro baile.

A noticia alvoroçou Lisboa inteira. O baile do Burnay! O que seria esse baile! E toda a gente começou logo a phantasiar todas as maravilhas mais extraordinarias, e na noite de 12 do corrente, desde as 10 horas até á meia noite, centenares de carruagens iam para a Junqueira, levando para o palacio do conde de Burnay tudo o que ha de mais distincto e notavel em Lisboa. colorida que fosse a sua linguagem, descrever aos que não tinham sonhado, o que nos seus sonhos tinham vivido, e com um grande bom senso, quando lhes pedem informações do que dormindo viram, elles passam o cachimbo, dizendo: zendo:

zendo:

— Fuma!

Se quem me le não esteve na noite de 12 no palacio da Junqueira, lastimo profundamente não the poder offerecer o meu convite e dizer-lhe:

—Vem!

Tendo ao meu dispor muito tempo e alguma Tendo ao meu dispor muito tempo e alguma memoria, muito espaço, e alguma sciencia de Bric-d-brac, eu poderia inventariar aqui as maravilhas artisticas, que se accumulavam nas salas, galeria, corredores e escadas do palacio do conde de Burnay.

Não tento esse trabalho não só por não ter nenhum d'esses elementos indispensaveis, mas tambem porque me parece perfeitamente inutil fazel-o.

Estar a contar o numero de talhas da India, a sua historia e a sua respeitavel edade, a qua-lidade da madeira dos moveis e a sua disposi-

ção nas salas, a quantidade de pratos de Sevres que havia nos armarios, e de estatuetas de marmore que havia pelos cantos, fazer a relação dos nomes dos auctores dos quadros, que pendiam pelas paredes, dizer o numero exacto de lumes que tinha cada candelabro, e ostentar uma grande sciencia botanica na nomenclatura de todas as plantas que guarneciam a escada e ornavam as estufas, seria um bonito trabalho para perito de avaliador do tribunal da Boa-Hora, mas não me parece que podesse dar de fórma alguma a sensação extraordinaria, que todo esse conjuncto de obras primas d'arte e de maravilhas da natureza produziu sobre os nossos sentidos.

Eu não sei o nome que tem as plantas verdes

Eu não sei o nome que tem as plantas verdes e enormes que faziam alas pelos degraus, e que lá em cima, surgindo no meio dos dois lances da escadaria, formavam um amplo ceu de verdura, não sei, nem me importa saber; o que me importava, era saber fazer sentir o encantamento que se experimentava ao subir essa escada que o sr. Manini devia ter copiado para o seu terceiro acto da Dona Branca, e que lhe daria a perfeita visão da entrada paradisiaca do eden de

Mahomet. Mahomet.

Lá dentro, nas salas, não sei quantas preciosidades havia, quantos espelhos forravam as paredes; não sei de que estofo eram os vestidos das senhoras, de que valor eram as perolas que lhes beijavam os collos nus, ou os brilhantes que lhes fulguravam nos cabellos revoltos nos gyros do cotillon, o que sei é que passear por essas salas era como que passear por dentro d'um sonho delicioso, que por toda a parte os olhos não encontravam senão esplendores, maravilhas, quer na arte primorosa d'uma estatua, quer nas formas fascinantes d'um corpo de mulher, quer nas scintillações radiosas d'um brilhante famoso, quer nas irradiações estonteadoras d'uns olhos negros e profundos.

e profundos. E por tod È por toda a parte a elegancia, a belleza, a alegria, a festa!

alegria, a festa!

Quando se atravessava a galeria cheia da luz quente e avermelhada do gaz e se ofhava pelas janellas para os jardins ficava-se como que atordoado, vacilava-se sobre a realidade do que se via e do que se sentia, chegava a haver duvida se tudo aquillo não seria um sonho phantastico, uma miragem extravagante, produzida, no nosso cerebro hypnotisado, pela suggestão poderosa de qualquer magnetisador sublime.

La fóra, como n'uma visualidade de magica, as mattas sombrias do jardim, com a sua tranquillidade mysteriosa de florestas sagradas, pareciam monges negros ajoelhados em torno d'uma

quilidade mysteriosa de florestas sagradas, pareciam monges negros ajoelhados em torno d'uma palmeira gigante, que se ergnia, esguia e esvelta, coroada pelas verdejantes palmas, banhadas pela luz branca e calma que um foco de electricidade lhe desdobrava mansamente por cima, como um candido e virginal veu de noiva.

E a agua corria docemente lá em baixo, com o seu suave murmurio bucolico, como nas paysagens idyllicas do bom Florian, e a todo o momento os possos olhos esperavam vér apparecer

mento os nossos olhos esperavam vér apparecer no meio d'essa solidão sagrada Aida sonhando com Radamés, o seu triumphante guerreiro, nas suas florestas embalsamadas e nos seus vastos templos de ouro; ou Aben-Afan, o mouro ena-morado, recebendo das mãos milagrosas da sua fada Aliga como de como morado.

morado, recebendo das mãos milagrosas da sua fada Alina o ramo de murta que lhe devia dar o amor da sua adorada Branca, a formosa e casta abbadessa de Holgas.

O scenario lá estava, mas nem o filho d'Agar nem a escrava de Pharaó appareciam; em compensação, de vez em quando atravessavam o bosque solitario um par de valsistas que vinha descançar da fadiga das danças sob o arvoredo sombrio e silencioso, dois ou tres cavalheiros encasacados correctamente que vinham descançar do calor das salas, discutindo a questão das obras do porto de Lisboa, que n'esse dia passára na camara dos deputados, ao ar fresco da noite, nas ruas perfumadas do jardim.

Eu não penso em citar os nomes dos convidados dos condes de Burnay, d'esses convidados que a sr.\* condessa com a sua elegancia suprema e a sua amabilidade fidalga, e o sr. conde com a sua franqueza e sem cerimonia característica, recebiam em pé, no alto da escada. Citar esses nomes, mais de mil, seria fazer o recenseamento

nomes, mais de mil, seria fazer o recenseamento da população elegante e distincta de Lisboa, em todas as suas mais brilhantes classes.

Todas as grandes forças intellectuaes do paiz estavam representadas n'essa festa verdadeiramente excepcional; homens d'estado, homens de lettras, diplomatas, academicos, fidalgos, ar-

tistas, sabios, sportmen, banqueiros, capitalistas, conversavam animadamente, alegremente, nas sumptuosas salas do palacio Burnay.

sumptuosas salas do palacio Burnay.

Lima das estufas, a que serve de sala de theatro, fora transformada em sala de bufete; em torno d'uma grande palmeira alastrava-se a meza cuja baixella era composta das mais ricas preciosidades das faianças modernas e antigas da Europa e da Asia; ao fundo, o palco do theatro servia de horto onde se ostentavam os mais vistosos arbustos; uma orchestra de plantas em que as azalleas do Cabo executavam a grande symphonia das côres. phonia das côres.

Nunca costumamos dar o menu dos serviços de baile, damol-o hoje excepcionalmente para que se possa avaliar bem a grandeza de nababo com que foi dado o baile de Burnay.

O menu era o seguinte:

Croquettes à la parisienne Petits pâtés à la Rossini Buissons d'écrevisses Filet de bœuf glace
Chaud-froid de perdreaux
Jambon d'York à la gelée
Langue à la Mirabeau
Pains de volaille à la d'Orleans Dindonneaux froids Mayonnaise de saumon Salade à la rosse Sandwichs variées Térrines de foie-gras à la Bagration Galantine de chapons à la Montpensier

Nougâts montés Meringues à la Ficalho Gelée au marasquin Petits-fours assortis Glace aux fraises Glace à la vanille Glace à l'ananás

Patisseries variées

Consommé, Chocolat, Café, Thé

Vins: Bordeaux, Bucellas, Jerez, Madère, Porto et Champagne Cognac et liqueurs variées

E desde que o baile começou até que elle fin-dou, desde as o horas e meia da noite até às 6 horas da manhã, o buffete esteve aberto, não cessando um minuto o serviço, não se pedindo uma coisa que não fosse logo servida, não se manifestando um desejo que não fosse logo rea-ligado.

Quando nós sahimos do baile, ás 2 horas e Quando nos sahimos do baile, ás 2 horas e meia, tinha já começado o cotillon dirigido por uma das gentilissimas filhas do sr. conde, a ex. "sr." D. Carolina Burnay e pelo sr. barão da Regaleira, de ha muito mestre incontestado n'esta arte elegante. O cotillon terminou pela manhã, pois as marcas eram nada menos de 31, muitas d'ellas novas e cheias de bellas e riquissimas surpresses.

surprezas.

Juntamente comnosco sahiam o dr. Thomaz de Carvalho e José Horta, dois homens de scien-

cia que tem sempre occupado no alto mundo elegante de Lisboa logar proeminente.

E o dr. Thomaz de Carvalho dizia:

— Desde os grandes bailes do Farrobo, nas Larangeiras, nunca houve em Lisboa festa que se parecesse com esta, e ainda assim...

Gervasio Lobato.

## O BALAO DIRIGIVEL JARDIM

(Concluido do n.º antecedente)

Estudando, como dissemos, todas as condições de melhoramentos a introduzir nos systhemas aerostaticos, ou antes no melhor systhema aeros-tatico conhecido até hoje, o illustre official por-tuguez analysou todas as condições phísicas e mechanicas dos helices usados, e concluiu que um helice que deve trabalhar no ar, não pode ter a mesma forma que os que trabalham em condições diversas de meio, e de funções que tenham a desempenhar.

De facto: os helices dos navios, collocados em

apertado espaço, entre o casco e o leme, e, por isso, de palhetas muito curtas, devem adquirir a maxima velocidade á custa de desperdicio de força da machina que os actiona. Assim as machinas dos vapores deverão ter mais do que a força precisa para mover um helice que d'ella não careceria, em condições differentes.

N'um balão não succederá o mesmo; a machina, debaixo do mínimo pezo, deve produzir o china, debaixo do mínimo pezo, deve produzir o

N'um balão não succederá o mesmo; a machina, debaixo do mínimo pezo, deve produzir o maximo effeito, ou percentagem no helice. Resard diz que alcançou uma percentagem de 70 % e usava do helice conhecido, e usado, antes d'elle, por Giffard, Puy-de Lome, e Tissandier.

Ora o helice conhecido até hoje, tem as suas palhetas constituidas por forma, que a superficie d'ellas é collocada na extremidade da alavanca, ponto onde a velocidade e maxima. A velocidade substituira, portanto, a forca nos helices cuias mas

ponto onde a velocidade e maxima. A velocidade substituiră, portanto, a força nos helices cujas machinas podem desperdiçar força, como nos navios, mas não deve fazel o na barquinha d'um balao, onde toda a força deve ser aproveitada sob o pezo indispensavel.

Assim a superficie das palhetas do helice Jardim, foi distribuida em proporção da força crescente de cada um dos pontos da alavanca, caminhando para o centro de rotação; e o resultado d'uma experiencia de andamento, feito com os dois helices, de tormas invertidas com superficies eguaes, deu-lhe uma velocidade que pode ser para o seu helice, comparado com o de Renard, como

como 🐈

Esta experiencia, confessa o inventor que não foi feita vezes bastantes para se poder concluir um princípio seguro, uma lei reguladora da verdadeira forma a dar ao helice dos balões. Com-tudo, diz o illustre official, que, sendo o dever de todos os que estudam, deduzir as leis que regem as sciencias, dos factos estudados na natu-reza, é sua convicção que as palhetas d'um he-lice d'aerostato, devem ter a forma das azas da ave, verdadeiro helice do ar para os animaes ala-dos, como a barbatana é o helice dos habitantes das aguas.

Não haverá estudo a fazer n'este sentido, so-bre a fórma a dar aos remos dos pequenos bar-cos, quando nos conhecemos, e já deviamos ter attentado na fórma dos remos, ou pás dos selva-gens, cujas pirogas correm sobre o mar com uma velocidade muito superior á dos nossos barcos

on escaleres?

Em todo o caso, tres ou quatro experiencias feitas para comparação de velocidades respectivas, pelo inventor do novo helice, convenceram-n'o de que a velocidade produzida pelo seu, é, proximamente, egual a da do antigo.

Tendo o seu pequeno balão capacidade infe-rior a 2 metros cubicos, não podia elle levantar pilha de duração bastante para mais repetidas experiencias; essas experiencias devem ser feitas com variadas formas de helice, do novo systhema, e hão de, de certo, chegar a fornecer conclusões importantissimas, e d'um alcance extraordinario, em todas as regras da mechanica applicada á in-

É preciso, repetimol-o, fornecer ao estudioso official, todos os meios de aperfeiçoar a sua desollicial, todos os meios de aperteiçoar a sua descoberta, garantindo-lhe a construcção de um
nerostato que lhe possa dar tempo para serio estudo, conservando-se no ar, sem perda de força.
Para isso é mister que a pilha seja duradoira, e
conserve a mesma energia por grande espaço de
tempo, isto é: que o seu liquido seja em grande
quantidade. D'ahi o peso a levantar.

Mas não se julgue, comtudo, que para isso seja
necessario que o balão tenha grandes dimensões:
o que lhe é mister é grande capacidade: e como

o que lhe é mister é grande capacidade; e como as surperficies, não crescem na proporção dos volumes, é claro que com pouco mais resistencia se alcançará muito maior força, se levarmos ainda o principio para a questão das velocidades a al-

Gaston Tissandier, n'um estudo que fez d'este principio, para demonstrar como se alcançará sempre uma grande velocidade, quando se de no balão uma grande capacidade, apresenta o calculo seguinte:

"Comparemos, diz elle, dois balões alongados, «um de 1000 metros cubicos, e o outro tres ve-«zes mais volumoso, ou de proximamente 3000 «metros cubicos, tendo ambos a mesma fórma. «com comprimentos triplos dos diametros:

	alongado de 953 m. cub.	alongado de 3069 m. cu
enprimento de ponta a ponta perficie. pacidade total	27 metros 523 m. quad. 953 m. cub.	40 metros 1118 m. q. 300g m. c.
cordas, barquinha)	500 k.	1100 k.

Forca ascencional (total)	1743	6682	
Forca ascencional para motor, viajuntes e lastro Tres viajantes	043	2582	
Lastro	80 353	3153	
Força do motor	t cavallo 7,		cay.
hara	15 kilom.	25	Tall

«D'aqui se vê, continua elle, que um aerostato tres vezes mais volumoso do que um outro, tem uma superficie apenas duas vezes superior il do primetro; a sua força ascencional disponivel è primeiro; a sua força ascencional disponivel é quatro vezes maior, e a machina que póde levantar, terá dez vezes mais força do que a do primeiro! Para o nosso caso se póde concluir que se o pequeno balão que o maior Jardim apresentou na sua conferencia, e com o qual fez as suas experiencias previas do helice, tivesse o dobro da superficie, teria quadrupplicada a sua força ascencional, e portanto a sua pilha, poderia sustentar-se com o liquido bastante para durar quatro ou mais vezes, o tempo que durou, e portanto daria espaco a experiencias repetidas e prolondaria espaço a experiencias repetidas e prolon-

daria espaço a experiencias repetidas e prolongadas.

Em relação ás velocidades é facil de prever o resultado; um balão com o dobro da superficie, tem capacidade para levantar uma machina que tem dez vezes mais força do que a primeira. Toda a questão está na grandeza do balão e na resistencia do tecido de que elle é feito.

È este inconveniente remediado pelo augmento da força da machina, para a mesma resistencia, ou secção transversal do acrostato, pela invenção do nosso compatriota. E não fallamos na questão economica, que é das mais importantes. Um balão de grandes dimensões, exige grande quantidade de tecido, grande trabalho de construção, grande quantidade de gaz, grande machina, barquinha, hangar para se recolher, pessoal de manobras, etc... que tudo reverterá em excessos de despeza dispensaveis no novo systhema.

Resumindo, e, sem nos alargarmos em calculos extensos, teremos successivamente:

1.º — Velocidade do balão Renard, em numeros redondos; 23 kilometros por hora.

Velocidade do balão Jardim, devido á sua forma nova: 4 23=31 k.

Ou: tendo conta de resistencia devida ao augmento de velocidade: 29 k.

2.º — O dobro (pelo menos) d'esta velocidade,

gmento de velocidade: 29 k.

2.º — O dobro (pelo menos) d'esta velocidade, dado pela machina Jardim (triplicada força) 58 k.

3.º — <sup>2</sup>/<sub>2</sub> d'esta velocidade, dada pela forma nova do helice: 86 k.

helice: 86 k.

Ou, dando ainda para a resistencia (y 2) 26 k., teremos afinal, 60 k. para velocidade por hora do balão Jardim, quando o de Renard nunca poude alcançar mais do que 25 kilometros, Gabriel Yon, engenheiro francez, e constructor de aerostatos de guerra, escreve, em memoria publicada em 1884, apresentando um projecto de aerostato de sua invenção, que é capaz de lhe dar uma velocidade de 40 kilometros por hora, e os seus calculos são confirmados por Dupuy de Lôme, que accrescenta que o aerostato de Gabriel Yon poderá conservar-se no ar durante 22 horas, se elle conseguir condensar todo o vapor produzido na caldeira, como promette.

caldeira, como promette.

Em 1886 Gabriel Yon offerece a todas as nações o seu novo balão, chamado o torpedeiro aereo,
que terá ainda 40 kilometros de volocidade por

hora!
Se pois Renard declara que com 45 kilometros de velocidade, um balão vencerá todos as correntes regulares do vento, em França; e se Gabriel Yon, com o seu systhema de machina de vapor, não annuncia mais do que 40 kilometros, não irá hem mais adeante do que os dois francezes o major Jardim que, despresando mais do que lhe daria a resistencia do ar. conserva ainda uma velocidade de 60 kilometros por hora, para o seu nerostato?

Concluamos pois que:

nerostato?

Concluamos pois que:

Empregar n'um balão alongado machina de grande força, sem lhe auguentar a superficie: transformar-lhe a configuração por fórma que a resistencia á marcha diminua, e dar-lhe ainda velocidade pela applicação de um helice de maior rendimento, são tres innovações que completam uma descoberta que já não pode deixar de ficar assignalada para sempre noa fastos das descobertas:

descoperta que ja não pode deixar de ficar assignalada para sempre noa fastos das descobertas: portuguezas hoje, universaes amanhã.

Uma só d'ellas faria a gloria de Cypriano Jardim. A reunião das tres, a Patria do inventor, que lhe diga qual é o logar que lhe destina nos seus annaes, se amanhã a pratica dos seus principios confirmar, aos olhos da humanidade inteira, uma verdade que terá então por theatro, não o theatro de S. Carlos, mas o grande theatro dos orbes, o vasto, o immenso espaco indefinido. orbes, o vasto, o immenso espaço indefinido...

P. C. F.

### A COMEDIA DA VIDA

### O ROMANCE D'UM AMANUENSE

O sr. Pereira não estivera caçoando com a tropa, quando dissera, apontando para o espaço, sobre o coreto do sr. Gaspar:

—Foi ali que nasceu a Chica.

Era positivamente a verdade: a Chica nascera

Era positivamente a verdade: a Chica nascera ali, por aquellas alturas.

Não averiguaremos se foi sobre o bumbo, se sobre o cornetim que sua mãe a deu á luz: isso pouquissimo nos importa a nós, mas foi ali n'aquelle sitio pouco mais ou menos, no terceiro andar d'um predio que ali se erguia ainda ha 8 annos e que o camartello da civilisação mandado manobrar pelo sr. Rosa Araujo reduziu a pócinza e Avenida, que a sr.º D. Ignacia Pereira foi menina Ignacinha Leitão: foi ali que ella foi successivamente filha, esposa e mãe.

O Leitão pae, que Deus de ha muito chamou á sua presença, era bravo do Mindello, e depois de njudar a plantar em Portugal a arvore da libersiade, plantou no seio do seu lar a sr.º D. Eustachia Sanches, viuva d'um capitão miguelista, que na sua fria cova devia ter sorrido triumphante e vingativo no dia do casamento da sua viuva com o seu irreconciliavel adversario político.

sua viuva com o seu irreconciliavel adversario politico.

A acção que o velho Leitão commettera ca-sando com a sr.\* D. Eustachia foi a mais cora-josa e heroica de toda a sua longa vida de guer-

reiro.

O desembarque na praia do Mindello comparado com o embarque no thalamo conjugal da viuva miguelista foi um copo d'agua.

Quem via a sr.º D. Eustachia com os seus 40 annos bem puchados, o seu amplo bigode erriçado, o seu nariz redondo na ponta como um castão de casse-tête, a sua testa chata accidentada á esquerda pelo promontorio d'um lobinho que fazia precioso pendant com uma verruga que tinha no queixo e d'onde repujavam valentemente sete cabellos indomaveis como os sete peccados mortaes, quem a via, a ella, baixa, gorda e redonda, pelo braço do seu marido, comprehendia logo bem que elle não podia deixar de ser um bravo, do Mindello ou de qualquer outra parte, mas um bravo com certeza.

Do corajoso enlace do sr. Leitão com a sr.º D. Eustachia nasceu ao cabo de 9 annos uma robusta menina.

robusta menina.

Essa robusta menina recebeu na pia baptismal da egreja de S. Jose o nome de Ignacia, e da visinhança da Praça da Alegria de baixo e immediações do Passeio Publico o diminuitivo de leitoasinha.

O pae gostava muito da pequena, e achava muita graça á maneira como os visinhos a tratavam e ás festas que lhe faziam, quando elle ía ao domingo com ella ao Passeio, ás horas da musica e lhe pegavam ao collo dizendo:

— Ora venha cá a sua leitoasinha! Então gosta

de ouvir os tuns-tuns?

A sr.\* D. Eustachia, porém, não achava graça nenhuma a isso: embirrava até solemnemente com a coisa e ás vezes censurava azeda seu marido por não se espantar a serio com os taes graciosos:

— Se você não fosse um bollas, um banasolla, já elles não chamavam á sua filha leitoa. — Mas menina, elles não lhe chamam isso por

Ah! meu Sanches, meu Sanches, exclamava

Ah! meu Sanches, meu Sanches, exclamava ella então invocando a memoria do seu primeiro marido, não eras tu que consentirias que a tuas filhas chamassem leitoas.
 Pois sim, minha senhora, mas isso ê muito differente: tambem se eu me chamasse Sanches não consentiria, mas chamo-me Leitão, e por isso não me posso zangar que a meus filhos deem o meu nome convenientemente accommodado ao seu sexo e á sua edade.

dado ao seu sexo e á sua edade.

— Tivesse eu reparado n'isso que não era com você que eu casava...

— Que pena não ter reparado! lastimava o marido no intimo da sua alma...

— Mas não pensei, não me lembrei que casando com o senhor me sugeitava a ser mãe de leitões!

A Ignacinha foi cregcendo. Era o retrato de sua mãe... ao comprido.

A D. Eustachia crescera para os lados, a Ignacinha crescia para cima; a mãe era toda carnes, ella era toda osso, osso que cada dia la subindo, chegando já a ameaçar no terceiro andar do predio da praça d'Alegria o chão dos visinhos da agua-furtada.

da agua-turtada.

A cara era a da mãe por uma penna; o nariz esboçava já o mesmo formato, os olhos tinham a mesma expressão strabica; as feições eram as mesmas, sem lobinho nem verruga e alongadas como as das caras de borracha quando se apertam pelas orelhas.

tam pelas orelhas.

Entretanto, à proporção que la crescendo Ignacia la se tornando mais acceltavel, não porque se fosse fazendo mais bonita, mas porque como era já muito alta, a cara la subindo e portanto la sendo feia... mais ao longe.

No genio parecia-se muito egualmente com sua mãe; no genio e na intelligencia.

O pae, o Leitão, mettera-a n'um collegio muito bom d'uma respeitavel senhora muito illustrada e muito honesta, onde filhas d'amigos seus tinham colhido optimos resultados.

A Ignacinha entrou para lá aos onze annos; no fim de tres annos o Leitão foi procurado pela directora do collegio de sua filha.

no fim de tres amos o Leitão foi procurado pela directora do collegio de sua filha.

— Venho pedir-lhe, sr. Leitão, que tire sua filha do meu collegio.

— Ora essa! minha senhora, porque?

— Repugna-me estar a receber-lhe todos os mezes o seu dinheiro sem o merecer: Não tenho nada que ensinar a sua filha.

— Ab! sim! Ella já sabe tudo?

— Não, senhor, não sabe nada.

— Como?

Como?
 E desisto completamente de lhe metter qual-

quer coisa na cabeça.

Tenho luctado estes tres annos, e nada. Vejo que é impossível e por isso não quero estar mais tempo a receber um dinheiro que é quasi

mais tempo a receber um dinheiro que e quasi roubado.

—Sae à mãe! disse resignado o Leitão, encolhendo os hombros.

E tirou-a do collegio.

A Ignacia veio para casa e então seu pae notou que a professora tinha sido excessivamente modesta quando lhe dissera que sua filha nada apprendera no seu collegio.

Aprendera a namorar que era um gosto, e começava a fazer um grande uso das suas prendas.

das.

Para o Leitão principiou essa nova epocha de preoccupações, de cuidados e de sensaborias.

Não podia chegar á janella que não visse no terraço do Passeio Publico, que ficava defronte das suas janellas, uns fedelhos do lyceu de jaleca e bonet, embasbacados para o seu terceiro andar.

Quando sahia com a sua filha voltava para casa sempre fulo: — trazia atraz de si uma recua de meninos.

E deixou-se de sahir com ella,

- Leva a pequena, dizia a sr.\* D. Eustachia as vezes quando elle sahia.

- Nada, não levo.

- É o primeiro pae que não quer sahir com

—È o primeiro pae que não quer sahir com a sua filha.

—Pois sim, mas é que eu quando saio com a pequena não sou um pae a passeiar com a filha, sou um perfeito a passeiar um collegio á quinta feira.

Mas ha males que vem por bens, e a estupidez da Ignacinha prestou grandes serviços ao Leitão. Essa estupidez e o seu terceiro andar evitou lhe

grandes sensaborias.

Os namorados de sua filha duravam apenas tres dias o muito, até ao momento tradiccional da carta offerecida:

(Continua)

Tão depressa Ignacia lá da sua saccada via alvejar na mão dos seus galanteadores um sobrescripto, mettia-se logo para dentro e batia-lhe

brescripto, mettia-se logo para dentro e batia-lhe com a janella na cara.

Não entendia senão letra redonda, e ainda assim não muito por cima; não tinha ninguem que lhe lesse as cartas, e fariosa com a mania de escripturação que tinham todos os rapazes que para ella erguiam os olhos, mandava-os passeiar implacavelmente apenas elles vinham com as suas declarações amorosas epistolares.

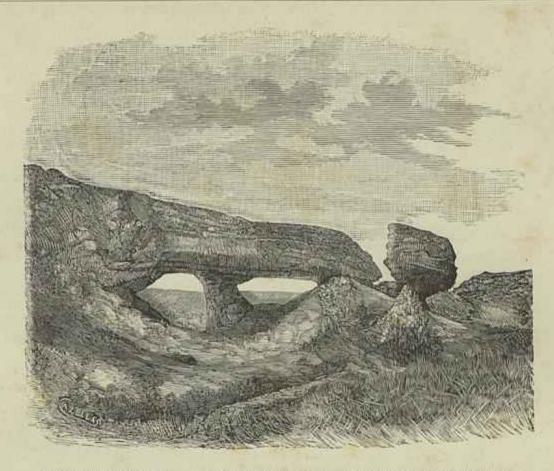
E como a respeitavel altura das suas saccadas não permittia que nenhuma declaração che-

não permittia que nenhuma declaração che-gasse lá acima verbalmente, a Ignacinha chegou aos 18 annos sem ter um namoro, apesar de

ter tido centenas de namorados. Exactamente, porém, no dia em que fez de-zoito primaveras, raiou para ella a sua primeira declaração d'amor.

Gervasio Lobato.

O OCCIDENTE



AFRICA PORTUGUEZA - ARCOS NATURAES NAS MARGENS DO RIO COROQUE

(Segundo uma photographia de Moraes)



#### RESENHA NOTICIOSA

O MAJOR HENRIQUE DE CARVALHO. Chegou a Lisboa no dia 12 do corrente, no paquete Portugal, o major Henrique de Carvalho, de regresso da sua viagem atravez d'Africa. A respeito d'esta viagem publicou o Остовите um artigo especial a paginas 51 do presente volume, acompanhando esse artigo com o retrato do benemerito explorador e uma gravura representando a embaixada do Muata que o acompanhou a Loanda. O major Henrique de Carvalho occupa hoje um logar dis-tincto entre os modernos exploradores portuguezes, que se teem esforçado pela civilisação afri-cana, a despeito de todas as difficuldades e des-alentos que acompanham as suas missões civili-sadoras. Felicitamos Henrique de Garvalho pelo

seu regresso á patria.

Abolição da escravatura no brazil. Recebeu-se Abolição da Escravatura no Brazil. Recebeu-se em Lisboa no dia 16 um telegramma dirigido pelo ministro dos estrangeiros do Brazil, sr. Rodrigo da Silva, ao sr. Barros Gomes, participando, que o parlamento brazileiro, em sessão do dia 10 do corrente, approvou a lei de libertação completa dos escravos, lei que foi sanccionada pela regente do imperio, no dia 13. O sr. ministro dos estrangeiros respondeu em telegramma felicitando, em nome do governo e da nação, o governo brazileiro e o imperio, pela generosa lei, que acaba de banir d'aquelle paiz florescente a escravidão. Toda a imprensa recebeu com verdadeiro regosijo esta boa nova, regosijo a que nos associasijo esta boa nova, regosijo a que nos associa-mos do coração, levantando um enthusiastico viva

pelo Brazil sem escravos.

ARCIEGOLOGIA. O sr. José Henriques Pinheiro, professor do lyceu de Bragança, fez importantes descobertas, em Castro de Avellas, de varias lapides, objectos de bronze e de ceramica romanas que enviou à Sociedade Martins Sarmento de Guimarães. Estes objectos foram achados nas rui-nas, de uma povoação romana que principia a descobrir-se, mas para que faltam os meios necessurios para continuar nas escavações precisas. Parecia-nos justo que os poderes competentes subsidiassem esta exploração, que tão importante poderá ser para o estudo historico e para a

Jose Pardat. O nosso distincto collaborador artístico sr. José Pardal concluiu um bonito qua-

dro a oleo representando o yatch Amelia, pertencente a sua alteza o principe D. Carlos, e que offereceu para a kermesse que vae realisar-se no parque dos srs. condes de Burnay. Esta pequena obra, que é apenas um dos primeiros estudos do sr. Pardal, revela uma pronunciada vocação para a pintura, muito especialmente de marinhas, que este artista estuda com particular predilecção.

Fallecumento. Falleceu hontem o sr. Antonio Maria Barreiros Arrobas, par do reino vitalicio, antigo deputado da nação, vogal da Junta Consultiva do Ultramar, coronel do Estado Maior, e um dos membros mais prestantes do partido regenerador. O sr. Arrobas fora em tempo governador em Cabo Verde, e ha poucos annos desempenhou o cargo de governador civil de Lisboa, logar em que deu bastante que fallar de si por varias medidas administrativas da sua gerencia, algumas d'ellas bem acceites, e outras que soffreram contestações que o desgostaram, não obstante os seus bons desejos de acertar. Dotado de boas qualidades sociaveis, o sr. Arrobas era um bom amigo, capaz das grandes dedicações. Servia bem o seu paiz e foi um dedicado partidario da regeneração. Tinha 63 annos de idade, soffrendo já ha tempos da enfermidade que o lançou na sepultura, com grande sentimento dos seus amigos, que eram muitos. Os nossos sentimentos a sua familia.

Teneum pelas melhoras de eram muitos. Os nossos sentimentos a sua familia.

Teneum pelas melhoras de gazas pelas melhoras de El-Rei D. Luiz. O vasto templo de S. Domingos apresentava-se sumptuosamente adornado de ricas armações de veludo e ouro, subresahindo formosas plantas decorativas que alegravam o recinto profusamente illumina lo com cerca de 800 luzes, além dos candelabros de gaz. Sua Magestade a Rainha e suas Altezas os Duques de Bratade a Rainha e suas Altezas os Duques de Bratade a Rainha e suas Altezas os Duques de Bratade a Rainha e suas Altezas os Duques de Bratade a Rainha e suas Altezas os Duques de Bratade a Rainha e suas Altezas os Duques de suas la caraca.

luzes, além dos candelabros de gaz. Sua Mages-tade a Rainha e suas Altezas os Duques de Bra-gança e o Infante D. Atfonso chegaram ao templo pouco depois do meio dia; eram esperados pelo patriarcha, ministerio, deputação das casas do parlamento, camara municipal, governador civil, titulares, dignatarios da patriarchal, membros da imprensa, etc. O corpo de bombeiros fazia a guarda de honra, formando allas ao longo da egreja até à capella mór, e os alumnos das escolas municipaes tambem formavam dentro do templo com todo o garbo de soldados do futuro. A entrada da familia real a orchestra tocou o hymno nacional, principiando em seguida o Te-Deum, cuja musica foi do maestro Freitas Gazul. Esta imponente solemnidade terminou à 1 hora Esta imponente solemnidade terminou á 1 hora da tarde.



# **PUBLICAÇÕES**

Recebemos e agradecemos:

A Felicidade por Henrique Perez Escrich, traducção livre. Empreza Litteraria e Typographica, editora, Porto. Os romances de Escrich destacam-se da maioria dos romances modernos, pela moralidade da sua leitura, em que não ha os exaggeros de realismo repugnante com que a arte perde e o leitor nada lucra, sem que por isso a acção e os personagens deixem de ser verdadeiros. É este o grande merito dos romances de Escrich e que lhe tem dado grande numero de leitores. Em Portugal a Bibliotheca do cura de Aldeia, de que A Felicidade faz parte, tem tido o maior exito, tendo chegado a reimprimir em o maior exito, tendo chegado a reimprimir em segundas edições alguns dos romances de Escrich, e n'isto está a sua recommendação para o romance ed Felicidade, que ha pouco deu á estampa, e que é um dos melhores do festejado auctor hespanhol.

Bolatim da Sociedade de Geographia de

tampa, e que é um dos melhores do festejado auctor hespanhol.

Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa fundada em 1875. 7.º serie n.º 5 e 6. O summario do n.º 5 é: Exploração portuguêza de Madagascar em 1613 — Relação inedita do padre Luiz Marianno; No caminho de Mussurise, por Paiva de Andrada. O summario do n.º 6 é: Exposição da Sociedade de Geographia de Lisboa em Antuerpia, em 1885 — Relatorio á commissão executiva da Sociedade pelo presidente da mesma commissão o ex.ººº sr. Francisco Chamico; Missão de Huilla — Documentos officiaes; Mossamedes — Communicação á Sociedade de Geographia de Lisboa, na sessão de 14 de novembro de 1887 pelo socio Rodolpho de Santa Brigida de Souza.

Bibliotheca Universal Antiga e Moderna David Corazzi editor, Lisboa. Estão publicados mais dois romances d'esta bibliotheca e são: O javali de Bronge por Andersen, e Candido ou o optimismo por Voltaire, versão de Fernandes Costa. Qualquer d'estes dois livros são dois primores litterarios que não precisam de encomios, muito especialmente o ultimo que é conhecido de todo o mundo que lê.

Reservados todos os direitos de proprie-dade litteraria e artistica.

Typ. Cayrno Inmão - Rua do Marechal Saldanha 31 - Lisboa